

**\*Roberto Rodrigues**

É fato conhecido que 2013 deve ser ainda um ano bom para o agronegócio brasileiro em geral, devido principalmente aos preços das principais commodities – como soja e milho – cuja oferta mundial segue apertada em relação à demanda, puxando direta ou indiretamente os preços de outros grãos como trigo e arroz, bem como proteínas animais em geral.

E não obstante a alta dos custos de produção – especialmente transporte, com a nova lei que disciplina o horário de trabalho dos caminhoneiros – os produtores rurais deverão ter mais um ano de lucros, salvo se o El Niño for mais maldoso do que tem sido até agora. Algumas regiões estão sofrendo com secas fortes, como o oeste da Bahia e outros estados do Nordeste, mas o país como um todo deverá ter boa colheita.

No entanto, também é fato conhecido que algumas culturas estão arcando com prejuízos há mais de uma safra. É o caso da cana-de-açúcar, cujos produtores, e os demais agentes da cadeia sucroenergética, estão à espera de algum sinal governamental sobre os preços da gasolina, ponto central para a definição dos resultados do etanol.

Mas os grandes prejudicados nesta safra, como também já foram no ano passado, serão os citricultores. Estes vêm sofrendo pesadas perdas em função de uma questão estrutural, e com poucas chances de solução rápida: o mercado se desequilibrou com o crescimento da oferta de laranja e a redução do consumo do suco. Este último item se deve a várias razões. A primeira é a crise econômica que afetou a demanda dos grandes consumidores mundiais: Estados Unidos, Europa e Japão. A isso se somaram outros fatores, como o surgimento de novos sucos de frutas (pêssego, morango, manga, maracujá, açaí, kiwi, misturas de frutas) e os H2O com sabor frutado. E a produção de laranja cresceu globalmente.

Por outro lado, os custos de produção subiram bastante, sobretudo por causa da disseminação de algumas doenças dos laranjais, além dos outros elementos que afetam as demais culturas (insumos, mão-de-obra).

O governo vem fazendo o que pode, financiando a estocagem do suco pelas indústrias, realizando leilões de prêmios, incentivando o uso de suco na merenda escolar, mas nada com a expressão que a crise exige. E pouco pode fazer a mais, apesar da boa vontade do Ministério da Agricultura.

Há em andamento um esforço articulado na citricultura, que é a montagem do Concecitrus, modelo de remuneração da laranja negociada entre os agricultores e as indústrias, no mesmo sentido do Concecana, que define os preços da cana-de-açúcar, e que funciona muito bem quando as informações são transparentes.

Não é muito fácil concretizar este importantíssimo projeto, por diversas razões. Uma delas é a heterogeneidade tecnológica na agricultura de laranja, que resulta em diferenças de custos de produção e de produtividade muito grandes. Outro problema é estabelecer o preço de referência, que não pode ser o da bolsa de Nova Iorque, uma vez que a maior parte de nossa exportação de suco vai para a Europa.

Mas o maior problema, realmente, tem sido o da representatividade dos produtores. Diversas entidades classistas estão participando da discussão, mas não se entendem: Sociedade Rural Brasileira, FAESP, Associtrus, entre outras, buscam a liderança do processo. E sem esta liderança não dá para negociar com a indústria, muito mais concentrada e representada pela Citrus BR por unanimidade.

Até o governo está interessado no Concecitrus e apóia sua criação.

Precisamos deste instrumento para encaminhar a questão da citricultura de forma estruturada com relação ao futuro.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**